

GALLO, S. **Filosofia**: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2013.

Alessandro Reina<sup>20</sup>

Wilson José Vieira<sup>21</sup>

O livro destinado ao estudante contém 304 páginas e o do professor contém um manual com 72 páginas a mais. A obra está dividida em cinco (5) unidades sendo que cada unidade é composta de três (3) capítulos totalizando quinze (15) capítulos. Cada unidade apresenta, conforme apontado na p. 04 e 05 do Livro (“Conheça seu livro”), a seguinte organização básica: 1 “Colocando o problema” - momento no qual o autor apresenta a problemática da unidade a ser estudada; 2 “A filosofia na história” – na qual ocorre a investigação da questão proposta na história da filosofia; 3 “Em busca do conceito” – apresenta atividades que possibilitarão, segundo o autor, o desenvolvimento do pensamento conceitual.

Além dessa estrutura básica o autor apresenta variados *boxes* com biografia dos filósofos, resenha de filmes, trechos de textos filosóficos, músicas, poemas, procedimentos para elaboração de dissertação filosófica e outras informações complementares. O livro também apresenta ao final do capítulo variados textos filosóficos e que estão relacionados com o problema tratado e questões filosóficas de diferentes vestibulares e do Enem.

Na unidade 1(Como pensamos?) são apresentadas questões da Filosofia Geral (principais características da filosofia, a origem da filosofia, filosofia e outras formas de conhecimento, principalmente filosofia, ciência e arte). A unidade 2 (O que somos?) trata de questões filosóficas próprias da Ontologia e da Antropologia (o ser humano e o conhecimento de si mesmo, a linguagem, cultura, corporeidade, gênero e sexualidade). A unidade 3 (Por que e como agimos?) apresenta questões relacionadas a Ética (valores e escolhas, importância da ética e a existência humana enquanto construção). A unidade 4 (Como nos relacionamos?) procura desenvolver questões relacionadas a Filosofia Política (Poder e política; Estado, sociedade e poder; Totalitarismo e biopolítica). Finalmente na unidade 5 (Problemas contemporâneos) o autor trata de questões próprias do mundo contemporâneo (Limites do conhecimento e da ciência, desafios políticos contemporâneos e desafios éticos contemporâneos).

O livro elaborado para professor traz no Manual um suplemento de 72 páginas. Neste manual dividido em 10 partes o autor apresenta a compreensão didática da obra, o referencial teórico, a perspectiva interdisciplinar, o trabalho com os textos filosóficos, a avaliação, fontes de pesquisa para material complementar para as aulas, bibliografia, a estrutura do livro e sugestões de trabalho.

<sup>20</sup>Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor dos cursos de graduação e pós graduação em filosofia do Centro Universitário Claretiano e do Centro Estadual de Educação Profissional de Curitiba (CEEP), Pesquisador NESEF. e-mail: alessandroreina@yahoo.com.br.

<sup>21</sup>Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor de filosofia e história do Colégio Estadual do Paraná, Pesquisador NESEF. e-mail: wilsonjosevieira@yahoo.com.br.

As atividades propostas ao estudante como uma forma de refletir e de se apropriar dos conceitos estudados, também merece atenção. Além das tradicionais questões, presentes em quase todos os livros didáticos não importando a disciplina, há uma característica peculiar: as questões além de tomarem como ponto de partida o texto escrito pelo autor, muitas vezes são elaboradas a partir de trechos de textos filosóficos. Cabe aqui ressaltar que neste caso, é imprescindível o trabalho de mediação do professor (verificar se a mediação destes “trechos” é sugerida no manual do professor) com tais textos, uma vez que dispõe de uma linguagem a qual o estudante da escola média não está muito familiarizado.

Somam-se aos trechos dos textos filosóficos, uma proposta diferente de análise do conteúdo, visto que Gallo propõe ao estudante uma reflexão que toma muitas vezes a arte como elemento mediador, onde verificam-se atividades envolvendo uma reflexão filosófica que parte da análise de pinturas, músicas e poesias. Além destas atividades, encontram-se dissolvidos no livro questões de Enem e de vestibulares. Percebe-se que muito mais que um exercício de pensamento e reflexão, encontramos também mais uma prerrogativa a que o livro visa atender, adequando-se na preparação dos estudantes diante das avaliações quantitativas, inclusive, as propostas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Ao final de cada unidade encontram-se sugestões de livros e filmes onde fica subentendido uma relação com o conteúdo abordado na unidade, embora esta relação não seja esboçada nem esmiuçada ficando somente com caráter “sugestivo”. O cinema é um elemento muito citado na obra, porém, os filmes são abordados apenas a partir de um caráter “ilustrativo” ou “figurativo”. Há alguns momentos que o autor utiliza o enredo filmico para ilustrar um problema da filosofia, embora o filme em si seja usado apenas como um “pré-texto” ou como um elemento mobilizador, cuja característica enquadra-se na própria metodologia para o ensino da Filosofia desenvolvido por Gallo. Estranha-se o fato de que o filme não seja utilizado como uma forma de pensamento, algo que produz o próprio filosofar, o que de certa forma, parece contrariar o pensamento de um dos autores tomados como base teórica para produção do material, Gilles Deleuze. Segundo Deleuze (2007, p. 203), “a essência do cinema, que não é a generalidade dos filmes, tem por objetivo mais elevado o pensamento, nada mais que o pensamento e como este funciona”. O cinema, um recurso potencialmente filosofante é utilizado na presente obra, embora sua verdadeira potencialidade não seja explorada nem reconhecida.

O livro também é disponível em forma digital e contém os denominados OEDs Objetos Educacionais Digitais (11 OEDs) e 29 conteúdos multimídia com imagens, vídeos, infográficos e variadas possibilidades de interação.

A perspectiva teórico-metodológica apresentada no livro está fundamentada na leitura que o autor faz da filosofia de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Foucault para a qual a filosofia consiste na atividade de criação de conceitos. Segundo esta compreensão, a filosofia consiste em uma prática de pensamento elaborada pelos gregos, de que os conceitos foram inventados pelos filósofos para enfrentar os problemas. Para Gallo (2013, p. 3) “[...] as teorias

são como ‘caixas de ferramentas’. Quando temos um problema a ser enfrentado, procuramos na caixa uma ferramenta, ou melhor, um conceito que nos sirva.”

Na unidade 1, capítulo 1, p. 10-21 (Filosofia: o que é isso?) o autor explicita o que seria a filosofia enquanto criação de conceitos. O pensamento filosófico, ou o filosofar, para Gallo, ocorre quando algo nos chama a atenção e nos tira do lugar-comum, nos faz parar para pensar. O pensar ocorre quando estamos frente a um problema. O pensamento seria a ferramenta capaz de transformar o mundo e o que diferenciaria o pensamento filosófico das demais formas de pensamentos seria a ideia de que os instrumentos e a produção própria da filosofia seriam os conceitos.

Nas páginas 12,13 e 14 o autor apresenta duas perspectivas filosóficas a partir de Michel Foucault. A filosofia enquanto busca da sabedoria e que compreende o conhecimento como algo exterior, algo que está fora do sujeito e a filosofia enquanto atividade de cada sujeito em relação a si mesmo, uma prática de vida, um pensar sobre si mesmo no sentido de tornar a vida melhor. Estas duas compreensões levariam a uma terceira segundo a qual seria “[...] o pensamento filosófico como uma reflexão interna que questiona todos os conhecimentos vindos de fora. Pensar filosoficamente é, portanto, refletir sobre os mais diversos problemas e situações ‘partindo do zero’, ou seja, sem aceitar automaticamente os conhecimentos recebidos.” (GALLO, 2013, p. 13) Assim, na busca do conhecimento a filosofia elaboraria conceitos.

Na reflexão em busca do conhecimento, a filosofia elabora conceitos. Para começar a compreender o que são conceitos, pense no que significa para você a ideia de democracia. Faça você mesmo algumas perguntas: O que é democracia? A que contextos ela se aplica? As relações familiares em que vivo são democráticas? E na escola? Deve haver um limite para a liberdade democrática? Será que a democracia tem alguma relação com a filosofia?

A ideia de democracia é algo pronto e definitivo ou muda conforme o lugar e a época? (GALLO, 2013, p. 13).

Ao realizar tais questionamentos para si afirma o autor que o estudante estaria praticando uma reflexão filosófica e construindo o conceito de democracia. O conceito não é, para Gallo, uma definição, algo que se encontra nos dicionários e enciclopédias, ele é fruto de uma produção do próprio sujeito, de uma reflexão pessoal e que gera mudanças em quem a faz.

Os conceitos não estão prontos e acabados, mas estão sempre sendo criados e recriados de acordo com as circunstâncias, de acordo com as necessidades, dependendo dos problemas enfrentados a cada momento. Cada filósofo cria seus próprios conceitos ou recria conceitos de outros filósofos. Ao criar ou recriar

conceitos, o filósofo está também agindo sobre si mesmo, criando a si mesmo, construindo sua vida. (GALLO, 2013, p. 13).

Os filósofos problematizam questões importantes da existência e elaboram conceitos que, embora em contexto diferente, nos auxiliam em nossas reflexões e possibilitam a construção dos próprios conceitos. A obra busca apresentar diferentes conceitos criados pelos filósofos ao longo da história e fazer com que os mesmos auxiliem o estudante a pensar a própria existência.

Nesse sentido, a concepção de Deleuze e Guattari (1997) de Filosofia como criação de conceitos, apropriada por Gallo, parece ser apropriada, embora careça de mais pesquisa, afinal não produziram tendo em vista o estudante de ensino médio, para conduzir o ensino dessa disciplina na escola. O que justifica essa aproximação é a consciência dos filósofos franceses de que, em primeiro lugar,

[...] a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 13).

O termo “criar” aqui se reveste de um caráter específico. Ele quer indicar que a natureza do trabalho com a filosofia é organizar o múltiplo caótico que se apresenta inicialmente aos homens. O “instrumento” para organizá-lo é o conceito. E as diversas filosofias, ao longo da história, nada mais fizeram do que apresentar e defender uma determinada maneira de “ler” o real, isto é, defenderam um ou mais conceitos. Por isso, dizem Deleuze e Guattari (Ibidem, p. 13): “criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia”.

Estudar filosofia significa, portanto, criar novos conceitos. Isso não deve ser entendido, contudo, como se a atividade filosófica fosse um processo incessante de invenção de novidades. A perspectiva, assim, voltaria a ser aquela que valoriza a discussão atual em detrimento da tradição. Deleuze e Guattari (1997), pelo contrário, entendem que criar novos conceitos não significa fazer algo completamente inusitado. Significa tão somente apropriar-se de conceitos a partir de um contexto que sempre será particular e, por isso, sempre novo<sup>22</sup>.

<sup>22</sup>O conceito não abarca, tal como se espera tradicionalmente, a essência de uma coisa. Não abarca algo imutável e universal que, uma vez descoberto, constitui um conhecimento seguro e sólido sobre o real. Pelo contrário, o conceito manifesta um acontecimento do real segundo essa ou aquela perspectiva. As coisas são, portanto, apenas aquilo que o conceito faz acontecer. Por isso, diz Gallo (2008), citando Deleuze e Guattari (1997, p. 46) o conceito é responsável por “[...] erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos [...]” Os filósofos recebem conceitos de outros pensadores, remanejamos os conceitos existentes, fundamos novos conceitos e, assim, inauguramos novos eventos das coisas e dos seres, isto é, apreendem coisas diferentes ou as apreendem sob aspectos diferentes. Com a palavra acontecimento, diz Gallo, Deleuze e Guattari querem indicar que o conceito não descobre o real, mas o produz. O plano de imanência é, segundo Gallo, ao mesmo tempo o solo e o

[...] você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo [...] (Ibidem, p. 15).

A tradição não é para os autores franceses algo dispensável porque “[...] todo conceito tem uma história” (Ibidem, p. 29). Estudar filosofia é, nesse sentido, uma atividade de criação conceitual que não pode jamais ignorar a história dos conceitos que cria. Ela assim não se transforma num saber enciclopédico justamente porque “todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido [...]” (Ibidem, p. 27). A tarefa da filosofia consiste na investigação de problemas e na proposição de soluções, isto é, de conceitos. A relação entre problema e conceito é necessária e, por isso, é impossível criar conceito sem dispor de um problema para o qual ele seja uma solução. Nesse sentido, um trabalho simplesmente historiográfico com a filosofia não é capaz de se apropriar dos conceitos porque desconhece os problemas que lhes estão relacionados. Estudar filosofia significa, portanto, investigar problemas, criar conceitos para resolvê-los e não esquecer que ambos têm uma história que lhes precede<sup>23</sup>.

Do ponto de vista metodológico, isso significa que as aulas de filosofia no ensino médio, conforme a proposta da obra, devem ser conduzidas segundo a tensão entre os horizontes da produção conceitual. Como solo, ele indica que os conceitos são produzidos a partir de uma experiência singular com um contexto específico de sentido. Os conceitos, conforme discutido anteriormente, são formados a partir de uma experiência com as “coisas” que já foi determinada dessa ou daquela maneira. O conjunto dessas experiências é o que constitui o plano de imanência. Como horizonte, por outro lado, o plano de imanência indica que os conceitos são responsáveis por transformações estruturais. Na medida em que as “coisas” que constituem o plano de imanência são determinadas conceitualmente, toda e qualquer criação conceitual é responsável por uma transformação no plano de imanência. Desse modo, o plano de imanência constitui ao mesmo tempo o solo desde o qual os conceitos são criados mas é também o horizonte determinado pela criação conceitual.

<sup>23</sup>O filósofo Silvio Gallo (2008) concebe a proposta de filosofia de Deleuze como inversão do platonismo e a explica a partir da comparação com a Alegoria da Caverna. Ao passo que Platão está preocupado com a unicidade do Sol, Deleuze quer concentrar a filosofia no mundo interior da caverna. Enquanto primeiro pretende um tratamento do conceito como um universal absoluto, o outro o trata segundo os critérios da particularidade e da relatividade. Em uma perspectiva tradicional do conceito se espera encontrar algo que universalmente explique um múltiplo oferecido pela experiência cotidiana. Assim, diante de vários exemplos de atos de coragem, e apesar de suas diferenças, o Sócrates platônico pergunta por aquilo que os determina essencialmente, isto é, a idéia de coragem. Ela constitui, segundo a visão de Gallo, a perspectiva tradicional do conceito. A coragem em si é um conceito universal e absoluto que explica uma multiplicidade de atos que percebemos entre os homens. Para Deleuze, pelo contrário, o conceito não é descoberto ou contemplado, ele é criado pelo filósofo. Os conceitos são, desse modo, determinados pelas circunstâncias particulares em que foram produzidos e não constituem, por esse motivo, universais absolutos. Eles são particulares e relativos ao contexto de sua geração. Se Platão, segundo Gallo, pretendia encontrar universalidades que explicassem de uma vez por todas a multiplicidade real, Deleuze e Guattari defendem que os conceitos são mutáveis e transformam-se em função dos novos contextos em que são inseridos. Por isso, eles afirmam que o conceito é assinado pelo filósofo, que ele tem uma história, que é uma heterogênesse, etc. Todas essas palavras manifestam de modos diferentes e com funções diferentes a defesa deleuziana da singularidade do conceito por oposição a perspectiva tradicional de conceitos absolutos. A principal diferença entre Deleuze e a perspectiva tradicional é que a primeira acusa que o conceito é relativo ao contexto em que ele é elaborado e a segunda pretende descobrir conceitos absolutos e universais que transcendem toda e qualquer particularidade.

problemas filosóficos e a História da Filosofia. O principal objetivo é possibilitar aos estudantes conteúdos filosóficos significativos atrelados a situações e circunstâncias específicas dos estudantes do ensino médio. É importante, portanto, iniciar as discussões da disciplina de filosofia por problemas que sejam capazes de despertar o interesse dos estudantes e, ao mesmo tempo, deslocá-los do senso comum em direção ao rigor filosófico.

O livro está baseado em três documentos fundamentais elaborados pelo Ministério da Educação e que apresentam orientações quanto ao ensino de filosofia no Brasil, são eles: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNEM) de 1999, as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) de 2002 e as Orientações Curriculares para o ensino médio (OCEM) de 2006. Em todos estes documentos percebe-se claramente a organização do currículo por competências e habilidades.

O currículo para o ensino médio organizado por competências e habilidades, conforme apontado por Mendes (2008, p. 38) busca “[...] responder às novas exigências do livre-mercado, pautada na formação mínima e flexibilização da formação profissional.” Pelas competências e habilidades os estudantes estariam preparados para a vida, para o ingresso no mercado de trabalho, pela escolarização o estudante seria incluído no mercado de trabalho e assim teria um melhor emprego e uma vida melhor.

O autor na apresentação do Manual do Professor (2013, p. 307) aponta para a impossibilidade de produção de um livro didático de filosofia que aborde toda a história da filosofia, ainda mais diante da diversidade e complexidade existente na realidade nacional, portanto, para Gallo, seria necessário “[...] fazer escolhas, privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, tomando sempre cuidado de não expor apenas uma única perspectiva filosófica, pois isso seria trair a própria filosofia.” No entanto se observa que parcela considerável do livro apresenta de forma quase hegemônica a perspectiva de Foucault, Deleuze e Guattari. Tal questão pode ser percebida na análise da obra feita no Guia do Livro Didático de Filosofia (2014, p.29) que aponta para o fato de que o autor ao tratar em nenhum capítulo da Lógica e do conhecimento em um viés moderno.

Quanto à utilização do texto filosófico Gallo salienta (p. 317) que “[...] em larga medida, é por meio da leitura de textos filosóficos que aprendemos filosofia, e assim não podemos dispensar essa atividade no ensino médio.” Porém, o trabalho com o texto deve ser antecedido por uma sensibilização, para que o trabalho com o texto de filosofia tenha sentido para o estudante de ensino médio. A ideia de “sensibilizar” o estudante não é bem esclarecida no manual do professor e pode ser associada ao trabalho de impressionar, de comover, de causar comoção no estudante, a um certo espontaneísmo.

## REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos PNLD 2015: Filosofia**. Brasília, 2014.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Cinema II: a imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica. **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78. jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1967/1641>>. Acesso em: 10/01/2012.

MENDES, A. A. P. **A construção do lugar da filosofia no currículo do ensino médio: análise a partir da compreensão dos professores de filosofia da escola pública paranaense**. 163f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.